

São Paulo-Shimbun

EMPRESA JORNALÍSTICA "SÃO PAULO SHIMBUN" S.A.

REDAÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINA
Rua Mituto Mizumoto, 255 - CEP 01513-040 - São Paulo - Caixa Postal 2176
http://www.spshimbun.com.br - E-mail: spshimbun@uol.com.br (Administração)
redacaoportuguesa@spshimbun.com.br (Português)
mizumoto@spshimbun.com.br (Japonês) - sps.comercial@uol.com.br (Comercial)

Administração
Redação
Publicidade
Assinatura e Despacho

Tel.: 3209-5922
Fax: 3208-3058

São Paulo, sábado, 7 de novembro de 2009

Fotógrafa registra mestiço de japoneses e planeja trazer projeto para o Brasil

MAÍRA WATANABE FALSETI

"A mistura de raças é uma oportunidade para abrir um diálogo entre as culturas", afirma a fotógrafa alemã Natalie Willer, que criou o projeto "Ha Fu", uma pesquisa de fotografias e histórias sobre mestiços de japoneses.

Pela primeira vez no Brasil, ela chega com vontade de conhecer as comunidades japonesa e alemã, e estudar a possibilidade de executar seu trabalho com os mestiços daqui.

Filha de pai alemão e mãe japonesa, Natalie Willer nasceu e cresceu na Alemanha. Frequentou escola japonesa até a adolescência, por isso sabe escrever e falar japonês. O conflito cultural dentro de casa, no entanto, sempre existiu. Eram duas educações e a mãe teve que criar uma terceira. "Eu tentava ser do meu jeito e inventar um caminho. Eu tentava me identificar com cada um dos meus pais e descobrir quem eu queria ser. Eu captava o que era melhor pra mim", descreve.

Para ela, a inquietação sempre existiu: a busca de uma identidade, dentro de culturas tão diferentes.

A curiosidade em saber histórias sobre mestiços começou aos 19 anos, ao se mudar para Londres. Lá encontrou pessoas de diferentes lugares. "Sempre achei o visual dos mestiços muito interessante. Quando andava nas ruas, eu reparava no



A mestiça Natalie Willer (à esq.) visita pela 1ª vez o Brasil

rostro, gestos, estrutura corporal e as atitudes, que são muito peculiares entre eles", conta. Por isso, a ideia principal do projeto era fazer um retrato visual deste grupo tão particular ao redor do mundo. Natalie resolveu seu conflito interior ao argumentar a criação do projeto, quando estudava fotografia. Aprendeu a lidar com sua experiência e o seu lado japonês.

"Às vezes é difícil me encontrar. Até hoje tenho resistência em aprender a língua (japonesa). Quando vou me aprofundar, sempre penso: não sou eu realmente. Por isso, tenho que aprender a ser mais confortável com esta situação. É um processo orgânico", revela ela, lamentando não se parecer mestiça. "Acho que tive e tenho uma crise de identidade relacionada a minha aparência. Pareço europeia. Quando eu me olho no espelho, não me reconheço como sendo uma

mistura. Minha irmã já tem a pele e os cabelos escuros, é mais mestiça. Eu nunca tive a oportunidade de expressar esse meu lado japonês, que é legítimo. É um pouco frustrante, como se eu tivesse duas personalidades dentro de mim. Para os que me olham não existe esse conflito, mas para mim é complexo ser metade japonesa", desabafa.

A dúvida dessa complexidade a levou a criar o projeto "Ha Fu", com a amiga também mestiça Marcia Lise.

Segundo Natalie Willer, o termo "Ha Fu" é muito usado nos dias de hoje. Não é negativo e nem necessariamente positivo. "É um termo que tem origem da palavra inglesa 'half' (metade) e não de um termo japonês. Indica uma ocidentalização na cultura. É como se os japoneses não soubessem definir essa miscigenação. A cultura japonesa é muito nacionalista

e essa palavra ocidentalizada reflete a mistura da 'raça pura'. É um termo criticado porque enfatiza a metade e não o dobro. Às vezes, vejo pessoas chateadas em ser uma pessoa pela metade, se na verdade existem dois elementos e duas culturas."

Dúvida em mente e com projeto na cabeça, não foi difícil encontrar mestiços para serem fotografados. Todos queriam contar suas histórias e serem representados. "O projeto não tem como objetivo buscar o lado bom ou ruim, mas mostrar o que você é e como é", conta a fotógrafa. No Japão, a preferência foi pela geração mais velha, julgada por ser "mais interessante, difícil de achar e de entender os conflitos". Mas, em geral, a procura é por homens e mulheres de todas as idades, com uma aparência interessante e histórias tocantes.

Natalie se lembra de um dos homens que fotografou no Japão, com cerca de 40 anos de idade e morador de uma cidade distante de Tóquio. Depois de ser fotografado, acompanhou o trabalho das pesquisadoras. Nascido em Okinawa, filho de japonesa e um soldado americano que desapareceu depois da guerra, o rapaz era um ser solitário que não sabia que existiam outros mestiços como ele. Durante sua entrevista chorou. "Foi um momento maravilhoso. Talvez ele fosse triste como pessoa e muito solitário na sua identidade cultural", afirma.